



O COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO (1551)

SARA MARQUES PEREIRA

"Os Jesuítas foram rápidos e diligentes intermediários na chegada da Revolução Científica a Portugal e ao mundo. Foram eles que trouxeram para Portugal os métodos e as ideias de Galileu, foram eles que asseguraram durante mais de século e meio o funcionamento de uma brilhante escola de Matemática em Lisboa (a Aula da Esfera) e foram eles que levaram para o Oriente a nova ciência que tinha despertado na Europa, que incluía o uso de telescópios e de relógios mecânicos¹."

◀ Colégio do Espírito Santo

¹FIOLHAIS, Carlos, e FRANCO, José Eduardo (2016), "Os Jesuítas em Portugal e a Ciência: Continuidades e ruturas (Séc. XVI a XVIII)", in Brotéria, nº 183, Lisboa, p. 10.

A Universidade de Évora foi fundada pelo Cardeal D. Henrique (1512-1580), primeiro Arcebispo de Évora, filho de D. Manuel I e futuro Rei de Portugal por morte de D. Sebastião (1578). A construção do Colégio do Espírito Santo, casa-mãe da instituição, iniciou-se entre 1551 e 1553, obtendo seis anos depois a autorização papal para o seu funcionamento como Universidade com a Bula de Paulo IV, Cum a Nobis, datada de 15 de Abril de 1559.

Entregue durante duzentos anos à Companhia de Jesus (1559-1759), haveria de formar nos claustros do Colégio do Espírito Santo o escol dos missionários que evangelizaram muitas e 'desvairadas' terras e gentes do Império Ultramarino Português (Séc. XVI a XVIII). A Universidade foi assim placa giratória desta lusofonia avant la lettre, aqui ensinando e aprendendo notáveis mestres e discípulos, como Pedro da Fonseca (1528-1599), Luís de Molina (1535-1600), Sebastião Barradas (1543-1615), Manuel Severim de Faria (1584-1655) ou Luís António de Verney (1713-1792).

A construção do edifício do Colégio do Espírito Santo foi, no entanto lenta, à semelhança de muitos outros seus contemporâneos, prolongou-se durante mais de cem anos. Construído de acordo com o modus nostrum da arquitectura jesuítica, onde os edifícios iam crescendo numa lógica funcional de adaptação às necessidades físicas e científicas².

Por exemplo, a primitiva Sala do Senado (S. José do Egipto) havia de transferir-se, para maior amplitude e nobreza, para a antiga Igreja (actual Sala dos Actos), deslocada para a Igreja do Espírito Santo, anexa, logo que esta ficou pronta (1573). A nova Sala dos Actos passou até hoje a albergar todos os actos públicos e solenes na vida da academia eborense.

² Principalmente aspectos decorativos que foram terminados tardiamente, a exemplo alguns painéis de azulejos do colégio que são cronografados a pouco menos de dez anos do seu encerramento em 1759, na actual Sala Túlio Espanca, que havia sido o alojamento do Cardeal D. Henrique quando acompanhava as obras do "seu" Colégio.

Também a Biblioteca, situada na actual Sala do Senado (Corredor da Lage), passaria para o espaço onde se encontrava à data do encerramento do Colégio em 1759, um espaço amplo, belíssimo de estanteria e tectos pintados que ainda se podem admirar, albergando na altura do seu encerramento cerca de 15.000 volumes, desbaratados e praticamente sem rasto apenas dezoito anos depois do encerramento do edifício e entrega deste à Ordem Terceira de S. Francisco (1776).



Colégio do Espírito Santo

Ou ainda a Botica do Colégio (sita no chamado Claustro com o mesmo nome). Esta farmácia própria, e que ao seu tempo terá servido o Hospital do Colégio³ mas igualmente toda a cidade e arredores, beneficiou de um conhecimento de uma nova farmacopeia originada nos produtos do novo mundo que a Companhia haveria de desenvolver com mestria. Damos o exemplo da célebre Triaga Brasileira, espécie de penicilina que curava várias doenças e em particular venenos, preparado secretíssimo originário do Colégio da Baía (Brasil séc. XVII a XVIII), mas cuja receita haveria de existir nas boticas de outras casas da Companhia e provavelmente na de Évora. Aliás, são várias as descrições que dão nota dos valores recebidos pela Botica do Colégio do Espírito Santo que serviram para a construção de partes do edifício, tal era então a sua fama em terras alentejanas.

Particularmente brilhante, reflexo da vitalidade intelectual logo nas suas primeiras décadas de existência, foi a presença no movimento da chamada *seconda scholastica*, como era conhecido o movimento de teólogos, integrando jesuítas e entre estes Pedro da Fonseca e sobretudo Luís de Molina, que estiveram no centro desta disputa, baseada na teologia moral de S. Tomás de Aquino mas que buscou elaborar uma doutrina que proovesse Roma e os aliados reinos católicos de um argumentário jurídico que enquadrasse as questões originadas com a descobertas e ocupação do Novo Mundo, como por exemplo ilegitimidade da escravização das tribos índias⁴.

O carácter ecuménico e internacional da ordem, verdadeira congregação de ensino, reflectiu-se igualmente na publicação de diversas obras cientí-

³ O Colégio possuiu inicialmente uma enfermaria que serviria professores e alunos da instituição, a funcionar num dos corredores superiores do Colégio, onde actualmente estão os departamentos de Economia e Gestão, mas com o tempo é criado o Hospital (no local onde funcionava também a antiga Cadeia, ainda hoje adstrita a serviços da Universidade de Évora e vizinha no Colégio).

⁴ Excepto no caso de revolta. Ver EISENBERG, José (2004), "A escravidão voluntária dos índios do Brasil e o pensamento político moderno", in *Análise Social*, vol. XXXIX (170), 2004, p. 7.

ficas, culturais e pedagógicas, facto potenciado por esta ser contemporânea da divulgação da imprensa no séc. XVI e por ser Portugal, na altura, plataforma perfeita para a comunicação entre o velho e o novo mundo. Exemplo, as mais de quinhentas edições da chamada Gramática (1572) da autoria do P^a Manual Álvares (1526-1583), o mais universal dos gramáticos e figura maior da cultura quinhentista⁵, foi professor desta Universidade e teve tradução em variadas línguas, incluindo o chinês.

O método pedagógico da Companhia baseado na obra *Ratio Studiorum* (1599) foi utilizado em todos os seus colégios durante quase duzentos anos. Primeiro manual para professores e alunos, surgiu da necessidade



Colégio do Espírito Santo

⁵ GONÇALVES, Filomena (2011), "Manuel Álvares", in *Guia Histórico do Colégio do Espírito Santo*, Coord. Sara Marques Pereira, Universidade de Évora, 2011, p. 24.

de uniformizar os procedimentos pedagógicos diante do aumento extraordinário de colégios a eles confiados em todo o mundo, incluindo o Brasil, a Índia a China e o Japão. Através deste método ensinava-se o espelho das ideias humanistas e racionalistas. Utilizavam uma pedagogia diferencial adaptadas às necessidades intelectuais e físicas bem como à idade de cada aluno, através de um moderno plano e método de estudos unificado, racional, coordenado, cíclico e ao mesmo tempo convergente, perfeitamente ordenado e graduado nos programas de cada curso e entre os diversos cursos⁶.

Muitas dos colégios possuíam imprensas, onde produziam os materiais de ensino e outras obras de pendor científico ou religioso. A Imprensa da Universidade de Évora, ao tempo uma das maiores da Península, ficava situada no piso inferior do Colégio da Purificação (hoje Seminário), edifício anexo ao Colégio do Espírito Santo, pertencente ao vasto complexo educativo da Universidade Jesuíta de então. Tinha o privilégio de imprimir em exclusividade a famosa Gramática do P^a Alvares, bem como a Prosódia (1634) do P^a Bento Pereira (1605-1681) também professor desta Universidade, espécie de dicionário que conheceu também diversas edições.

A vocação pedagógica dos vetustos Claustros do Colégio do Espírito Santo manteve-se mesmo depois de 1759, data em que o Marquês de Pombal, expulsando os Jesuítas, encerrou os estudos promovidos por estes em Évora. De facto, por estes espaços passariam as inovações pedagógicas dos diversos regimes: os efémeros Professores Régios da Reforma Pombalina (1762) e a Ordem Terceira de S. Francisco (1776-1816). Já no liberalismo aqui se instalaria a Real Casa Pia (1836-1957), o Liceu Nacional (1841-1979) ou ainda a Escola Comercial e Industrial

⁶ PEREIRA, Sara Marques (2011), "O ensino dos Jesuítas no Colégio do Espírito Santo", in Guia Histórico do Colégio do Espírito Santo, Coord. Sara Marques Pereira, Universidade de Évora, 2011, pp. 28 e 29..

(1914-1951); instituições que contribuíram para a instrução e cultura de gerações e gerações de jovens.

Mas a nostalgia de cidade universitária nunca abandonou os eborenses, particularmente evidenciada aquando das comemorações do IV Centenário da Fundação da Universidade de Évora (1959). De facto, nos anos 50



Colégio do Espírito Santo



iniciou-se um processo que levaria à criação do Instituto de Estudos Superiores de Évora (1964) e do Instituto Universitário de Évora (1973), gizado no plano da Reforma Veiga Simão, culminou na refundação da Universidade de Évora em 1979. Dos antigos pergaminhos a nova Universidade herdaria espaços e tradições, como o 1º de Novembro, que desde 1559 marcava o dia da abertura solene das aulas e ainda hoje o celebra como Dia da Universidade.

A Universidade de Évora, e o seu magnífico Colégio do Espírito Santo, conciliam ainda hoje um largo passado de tradições pedagógicas, culturais e científicas com as avançadas exigências da modernidade e da tecnologia, num variado leque de opções humanísticas, científicas, tecnológicas e artísticas com um corpo docente de cerca de seiscentos professores.

Integrada numa cidade elevada a Património Mundial (1986), a Universidade partilha com esta o seu campus universitário, que conta hoje com este Colégio do Espírito Santo, além de outros edifícios de elevado valor patrimonial como o Palácio do Vimioso (séc. XVI), a Casa Cordovil (séc. XVI), o Colégio Luís António de Verney (séc. XIX), o Convento de Santa Mónica - Edifício Santo Agostinho (séc. XIV), Colégio de Leões (séc. XX) ou o Colégio Mateus d'Aranda - antigo Paço dos Morgados da Bandeira (séc. XVIII). Só preservou da antiga Universidade Jesuíta a antiga Cadeia e Hospital, sendo que os outros colégios e espaços estão hoje adstritos a diversas instituições: Colégio da Purificação ao Seminário e Colégio da Madre de Deus ao Hospital Militar.

Todavia não é difícil imaginar o assombro que este vasto complexo educativo provocaria aos seus contemporâneos, integrando todos os edifícios que o compunham e um património, segundo alguns, mais vasto que o da própria Universidade de Coimbra e que para esta transitou na altura da extinção, junto com as rendas, arquivos e também livros...